

## A gênese e o desenvolvimento da idéia de civilização na Europa.

### Da Idade moderna ao século XIX

Prof. André Nunes de Azevedo (UERJ)

O termo "civilisation", precursor da palavra portuguesa "civilização", assim como os outros termos que lhe deram origem na Língua Francesa, descende do Latim, estando relacionado à palavra "civilitas". Esta, por sua vez, refere-se às qualidades de uma alma nobre e espiritualmente elevada. Pode ser entendido também como a arte de governar a cidade.<sup>1</sup> No entanto, pela conotação que a palavra assumiu no século XVIII, ocasião de seu surgimento, ela parece identificar-se mais com o adjetivo latino "civilis" que, pela sua proximidade com a congênera "civilitas", indica um ser cultivado, polido, afável, cortês e refinado, ou seja, o oposto do rústico, do campesino.<sup>2</sup> Assim, "civilis" remete mais à manifestação procedimental que se espera de uma pessoa de espírito elevado do que a posse mesma desta nobreza de espírito, mais propriamente conotada pela palavra "civilitas".

O vocábulo "civilisation" foi também precedido de outras palavras na Língua Francesa, como "civilisé", "civiliser" e "civilité", já existentes no idioma desde o século XVI.<sup>3</sup> Estes termos quinhentistas são próprios do Renascimento e expressam, segundo Norbert Elias,<sup>4</sup> a perda do controle que a Igreja Católica exercia sobre a sociedade e de sua legitimidade em estabelecer padrões comportamentais aos indivíduos. Segundo Elias, desde o Renascimento, com a idéia de "civilité", gênese do termo "civilisation", a elite de várias cidades européias buscaram desenvolver códigos de conduta e comportamento a serem observados. Os hábitos à mesa, como não comer sem talheres ou estalando os lábios, até comportamentos de expressão corporal, como a forma de assoar-se, ou a postura adequada durante uma conversação foram

---

<sup>1</sup> Cf. Alfredo Nicéforo. *Les indices numériques de la civilisation et du progrès*. Paris: Ernest Flammarion, 1921. p. 26.

<sup>2</sup> Cf. Alfredo Nicéforo. *Op. cit.* p. 27.

<sup>3</sup> Cf. Fernand Braudel. *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 25. Norbert Elias. *O processo civilizador. Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. V.1, p. 68.

<sup>4</sup> Cf. Elias. *Op. cit.* p. 67.

desenvolvidos, a fim ajustar os comportamentos a um conjunto de práticas que eram percebidas como sendo de “bom tom”.<sup>5</sup>

“Civilité” era polimento, compreensão e execução de uma regra de conduta que, na Europa do século XVI, identificava aquele que a praticava como sendo um indivíduo civilizado<sup>6</sup> - “civilisé”. Já “civiliser” indicava a ação de polir, de adequar alguém a um padrão comportamental definido.

O surgimento deste termo remonta a 1530, com Erasmo de Roterdam, em seu livro *De civilitate morum puerilium - Da civilidade em crianças* - destinado à educação infantil.<sup>7</sup> No século XVII, em 1690, a palavra "civilité" já figurava no Dictionnaire universel de Furetière, juntamente com "civil", "civilisé", "civiliser". Neste, "civilité" aparece como: “*Maneira honesta, doce e polida de agir, de conversar junto*”.<sup>8</sup> Segundo Febvre, civilité estaria ligada à idéia de cortesia,<sup>9</sup> que indicaria mais a internalização de valores, elementos do espírito, do que "civilité", que conotaria menos um desenvolvimento do espírito e mais uma forma externa, a observação de um conjunto de normas de conduta e comportamento, códigos de um grupo da sociedade, daqueles que vivenciavam a sociedade de corte. Portanto, a significação das palavras “civilité”, “civiliser” e “civilisé”, as quais deram origem ao termo “civilisation”, remetem à idéia de uma formalidade, de um código social expresso em condutas previamente delineadas em face de algumas situações.

A palavra portuguesa "civilização", advém da congênere francesa "civilisation", surgida em meados do século XVIII. Segundo Jean Starobinsky, ela

---

<sup>5</sup> “A Civilização Como Transformação do Comportamento Humano” foi o título do segundo capítulo do mais famoso livro de Norbert Elias, no qual aborda a modificação dos costumes medievais na época da renascença. Ver: Elias. op. cit. vol. 1. p. 65 – 213.

<sup>6</sup> Para a ilustração e discussão dessas regras de comportamento, marca da civilidade, ver Norbert Elias. Op. cit. e Norbert Elias. O Processo Civilizador. Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. V. 2.

<sup>7</sup> Cf. Elias. Op. cit. vol 1. p. 68

<sup>8</sup> Cf. Lucien Febvre. Civilisation. Évolution d’un mot et d’un groupe d’idéés. In: Lucien Febvre et alli. Civilisation. Le mot et le idéé. Paris: La renaissance du livre, 1930. p. 11.

<sup>9</sup> Lucien Febvre. Op. cit. p. 11.

emerge enquanto termo unificador de várias idéias,<sup>10</sup> referindo-se não somente àquelas associadas às práticas da polidez, como a precedente “civilité” significava, mas também às próprias de outros campos de significações. Assim o era com o campo econômico, por ela contemplado através da idéia de desenvolvimento material, que se encontrava contido, ao contrário de “civilité”, no campo de significações que remetia ao termo “civilisation”.

A palavra “civilização” destaca-se também por, no dizer de Émile Benveniste, inculcar uma nova visão de mundo.<sup>11</sup> Ela surge em meados do século XVIII, no contexto de afirmação e expansão das idéias iluministas. Este termo galvaniza uma série de idéias típicas do Iluminismo<sup>12</sup>, como a idéia de progresso material, de desenvolvimento da História etc. Logo, a palavra “civilização” emerge no século XVIII, e não antes, porque é neste momento que a sociedade européia tem necessidade dela, que a demanda, instada pelas novas idéias que se faziam presentes no Setecentos.

Segundo Lucien Febvre, o primeiro estudioso que se pôs a esquadrihar a gênese da palavra “civilização”,<sup>13</sup> o vocábulo teria tido sua primeira aparição em um texto impresso no ano de 1766. No entanto, o termo já poderia figurar em um manuscrito em torno do ano de 1752, pois, anos depois de 1766, Dupont de Nemours utiliza-a quando publica as obras do grande fisiocrata, que fora seu mestre.<sup>14</sup> No entanto, a data levantada por Lucien Febvre está longe do consenso entre os pesquisadores. Émile Benveniste afirma que a primeira aparição do termo remontaria a 1756, na obra *Ami des hommes* ou *Traité de la population*, de autoria do Marquês de Mirabeau, pai do célebre revolucionário. Mirabeau escreveria, ainda, em 1760, uma outra obra, *Théorie de l'impôt*

---

<sup>10</sup> Jean Starobinsky. La palabra civilisation. In: Revista Prismas. Revista de história intelectual. n. 3. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes, 1999. p. 11.

<sup>11</sup> Cf. Émile Benveniste. Civilización. Contribución a la historia de la palabra. p. 209-218. In: Problemas de lingüística general. México Distrito Federal: Siglo Veintiuno editores, 1974. p. 209.

<sup>12</sup> Sobre a idéia de civilização no iluminismo, ver: Francisco José Calazans Falcon. Iluminismo. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1994. P. 60-61.

<sup>13</sup> Em 1929 um grupo de intelectuais franceses organizou em Paris um grande seminário para se discutir a idéia de civilização. Dele participaram intelectuais como Lucien Febvre, Alfredo Nicéforo, Louis Weber, E. Tonnelat etc. O resultado deste seminário foi publicado em forma de anais no ano seguinte. Ver: Febvre et alli. Op. cit.

<sup>14</sup> Febvre et alli. Op. cit. p. 4.

, na qual a palavra voltaria a aparecer<sup>15</sup>. Fernand Braudel assevera que a palavra "civilização", no seu sentido moderno,<sup>16</sup> já poderia ser encontrada em 1752, em um escrito de Turgot sobre a história universal, que ele não publicou<sup>17</sup>. No entanto, corrobora a posição de Benveniste quando este afirma que o primeiro texto impresso publicado, que contém o termo, data de 1756, no *Ami des hommes*.

O termo "civilização" expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo.<sup>18</sup> Sua maneira de autoperceber-se, de entender-se como agente privilegiado de um desenvolvimento histórico que conduziria a um mundo sempre melhor, governado pela razão e seu movimento de expansão. A própria idéia de movimento é característica à idéia de civilização,<sup>19</sup> pois esta era entendida como um processo dotado de movimento firme e constante que se traduz em diversas formas destinadas sempre à superação. A percepção da civilização como processo é típica da própria consciência histórica desenvolvida na Europa do século XVIII, que impulsionou o historicismo<sup>20</sup>. Tal aspecto da idéia de civilização iria aproximá-la da idéia de progresso, suscitando uma imbricação que se estenderia ao longo do século XIX. Muito embora tal imbricação tenha se delineado e generalizado mais fortemente no Oitocentos, ela já está presente mesmo na origem, no século XVIII, não muito após a idéia de progresso. Autores setecentistas, como Turgot e Condorcet, já entrelaçavam civilização e progresso, constituindo mesmo, no caso de Condorcet, etapas para o desenvolvimento “progressivo” da civilização, uma fórmula que ganharia notoriedade com Comte e

---

<sup>15</sup> Cf. Benveniste. Op. Cit. p. 210-211.

<sup>16</sup> Segundo o historiador francês, a palavra civilização já existiria no sentido jurídico desde, pelo menos, 1732. Cf. Braudel. Op. cit. p. 25.

<sup>17</sup> Cf. Braudel. Op.cit. p. 26. Antes de Braudel, Lucien Febvre já tinha acusado a presença da palavra neste texto de Turgot, de 1752, que só viria a ser publicado anos depois pelo seu discípulo, Namours. Cf. Febvre. Op. cit. p. 5.

<sup>18</sup> Cf. Elias. vol. 1. Op. cit. p. 16.

<sup>19</sup> Cf. Elias. vol. 1. Op. cit. p. 24-25.

<sup>20</sup> Entendo aqui por historicismo toda forma moderna de reflexão que atribui um movimento meta-histórico à História.

diversos outros historicistas de proa no contexto intelectual da Europa oitocentocentista.<sup>21</sup>

Além da idéia de movimento, "civilização" remete também, como assinalou-se, à idéia de ação. Segundo Starobinski, foi comum no século XVIII o surgimento de palavras com sufixos "ação",<sup>22</sup> designadores da idéia de uma ação de algo. Neste século surgiram termos como "democratização", "municipalização" e "institucionalização", entre outros.

O século do Iluminismo foi o século da ação. Ação política das massas na Revolução Francesa, ação intelectual com os pensadores engajados no processo de renovação política, ação presumida da história etc. "Civilização" constitui, portanto, a ação de civilizar, de dotar de civilidade aqueles que são rudes, campesinos, jovens ou bárbaros e que, supostamente, necessitariam de tal ação.

Além de estar perpassada pela idéia de ação, que figura na sua própria constituição morfológica, "civilização" pode também remeter à idéia do acabamento de uma ação e/ou de um movimento, o último estágio de um processo.<sup>23</sup> Desta forma, foi comum dizer-se que os egípcios ou os astecas "chegaram" a constituir uma civilização, no sentido de terem chegado ao ponto de terem-na formado.

A idéia de civilização manteve e conferiu movimento ao ideal de enquadramento do comportamento humano, tornou-o uma necessidade histórica, parte fundamental de um processo que o século XIX entendeu como uma evolução, uma melhoria constante. Este conteúdo padronizador foi reafirmado com intensidade quando o controle das massas emergiu como desafio às elites da Europa após 1870, temerosas,

---

<sup>21</sup> A reflexão histórica encetada pelo iluminismo é informada pela idéia de progresso, de desenvolvimento, de um movimento para frente que por vezes chega mesmo a ser entendido como inexorável e dotado de uma racionalidade própria, supra subjetiva. As reflexões sobre a história de autores como Condorcet, Saint Simon, Kant, Hegel Marx e Comte, entre outros, é concebida através de etapas a serem superadas. Elas se operam na referência da estrutura de reflexão histórica informada pela idéia de progresso. Idéia sobre a qual nos deteremos com mais vagar em outro momento deste trabalho. Para uma ilustração do etapismo de alguns dos autores mencionados ver: Raymond Aron. *As Etapas do Pensamento Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

<sup>22</sup> Starobinsky. Op. Cit. p. 10.

<sup>23</sup> Starobinsky. Op. Cit. p. 12.

então, diante do crescimento da classe operária.<sup>24</sup> O conteúdo de regulamentação desta idéia também ganhou força com o fenômeno do imperialismo, no qual o ideal civilizador foi ao mesmo tempo álibe para a ação de conquista e exploração e instrumento de docilização da massa de nativos que se percebiam vilipendiados. Também contribuiu para a normatização das condutas o crescimento das cidades no século XIX, onde se desenvolveram os códigos de postura urbana, justificados pelo ideal de confecção de uma cidade civilizada.

Além de trazer consigo o ideal de modificação de comportamentos, a idéia de civilização surgida no século XVIII é também designadora de valores morais e intelectuais.<sup>25</sup> "Civilização", como entendida no Setecentos, substantivo singular, é percebida como o orgulho que a sociedade européia tem de si própria, de sua auto-imagem de superioridade diante de um mundo que domina e que a faz sentir-se superior. É percebida também como superioridade intelectual, como o acúmulo de conhecimentos técnicos e humanísticos que a elevariam a um patamar mais alto diante das demais sociedades. Enfim, é um conceito que expressa a maneira de autoperceber-se da sociedade européia e de afirmar a sua pretensa superioridade. Além disso, a palavra também expressa a necessidade de afirmação de alguns valores do Iluminismo, tal como o ideal de justiça; em meados do século XVIII Raynal já questionava “*se poderia ter civilização sem justiça*”.<sup>26</sup> Ela conota ainda valores da sociedade européia anteriores ao Iluminismo e mesmo contraditórios a este, como os da religião, como se percebe no primeiro texto impresso em que surge a palavra, o *Ami des hommes*, do Marquês de Mirabeau: “*A religião é sem contradição o primeiro e mais útil freio da humanidade; é o primeiro impulso da civilização; nos predica e recorda sem cessar a confraternidade, dulcifica o nosso coração etc*”.<sup>27</sup>

Esse juízo de valores, que envolveu a idéia de civilização desde seu surgimento, estendeu-se até princípios do século XX, estando vigente durante todo o

---

<sup>24</sup> Sobre este temor, ver: Eric J. Hobsbawm. A Política da Democracia. In. A Era dos Impérios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>25</sup> Cf. Braudel. Op. cit. p. 29.

<sup>26</sup> Cf. Febvre. Op. cit. p. 22-23.

<sup>27</sup> Cf. Benveniste. Op. cit. p. 211.

período da Belle Époque, recebendo um abalo mais forte somente com o impacto da Primeira Grande Guerra Mundial.<sup>28</sup> A relação de valores presente na idéia de civilização pode ser ilustrada por um dos intelectuais que se notabilizaram pelo estudo detido do conceito. Trata-se da obra do teórico do Direito Alfredo Nicéforo, professor das Universidades de Nápoles e de Roma.<sup>29</sup>

Na sua obra *Les indices numériques de la civilisation*, de 1921,<sup>30</sup> Nicéforo defende a tese de que “civilização” é um conceito meramente descritivo que, ao seu juízo, deveria basear-se em quatro critérios de análise quantitativa e qualitativa sobre as maneiras de ser e de agir de uma sociedade. Eles seriam: a vida material, intelectual, moral, e organização política e social de um grupo da população.<sup>31</sup> Segundo o autor, ao tratá-lo desta forma, o pesquisador não estaria fazendo nenhum juízo de valor sobre a idéia de civilização; como se fosse possível furtar-se a este juízo na própria escolha dos critérios que nortearão a descrição, ou na metodologia que conduzirá a análise qualitativa, o que revela o traço fortemente empirista do estudioso italiano.

Sem perceber, ao propor uma avaliação que pretende ser objetiva do “nível de civilização” de cada sociedade pesquisada, Nicéforo impõe automaticamente um escalonamento, uma relação hierárquica entre elas a partir dos resultados obtidos em sua pesquisa que, obviamente, é norteadada tanto pela metodologia a ser utilizada como pelos critérios eleitos pelo pesquisador.

Além de designar valores morais e intelectuais, a idéia de civilização também encontra-se imbricada à idéia de desenvolvimento material. Não obstante Louis Weber ter chamado atenção em seu artigo sobre os preconceitos greco-latinos quanto às artes manuais e à preeminência dos conhecimentos teórico e abstrato sobre aquele de

---

<sup>28</sup> Ver: Arno Mayer. *A Força da Tradição: A persistência do antigo Regime (1848-1914)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. Neste livro, o autor defende a tese de que a sociedade do Antigo Regime se prolongou após o processo revolucionário francês, só vindo a termo com a primeira grande guerra mundial.

<sup>29</sup> Nicéforo. Op. cit.

<sup>30</sup> Fica evidente, pela envergadura do livro, sua quantidade de levantamentos estatísticos, que Nicéforo já vinha refletindo e pesquisando sobre o tema desde antes da primeira grande guerra mundial.

<sup>31</sup> Nicéforo Op. cit. p. 30. e Alfredo Nicéforo. *La civilisation. Le problème des valeurs*. In: Febvre et alli. op. cit. p. 114.

caráter prático,<sup>32</sup> a idéia de civilização trouxe em si a questão material, seja no âmbito da técnica ou da vida econômica. Ela foi associada ao desenvolvimento do comércio, da indústria e da tecnologia. Lucien Febvre, citando Raynal em 1770, mostra como o desenvolvimento do comércio é associado com o polimento, à civilização dos franceses.<sup>33</sup> Cita ainda Millar em seu *Observation sur les commencements de la société*, de 1773, quando este menciona que: “A civilização e a polidez dos costumes que vêm a ser uma conseqüência natural da abundância e da seguridade”.<sup>34</sup> A civilização seria entendida, portanto, como uma decorrência do desenvolvimento material, que conduziria à dignidade e, conseqüentemente, ao que seria preconizado como os “bons modos”.<sup>35</sup> Esta forma de pensar a civilização ganhou força no século XIX, sobretudo após 1870, com o advento da Segunda Revolução Industrial, quando o processo de desenvolvimento técnico acelerou-se sobremaneira. Nesta concepção, civilização aparece como decorrência do progresso entendido como desenvolvimento material – técnico e econômico.<sup>36</sup> Embora esta percepção da relação entre civilização e “progresso material” somente viesse a ganhar maior projeção na segunda metade do século XIX, ela, como se observou, surgiu no setecentos. Não por acaso, a utilização impressa mais remota que Lucien Febvre encontrou de “civilização” foi com um homem da técnica, o engenheiro M. Boulanger,<sup>37</sup> da *École de ponts et chaussées*, então, o maior bastião do desenvolvimento tecnológico francês. Também não foi por acaso que Fernand Braudel identificou um manuscrito nos arquivos de Paris, como a primeira aplicação do termo, em 1752, por um expoente da escola econômica fisiocrata, Turgot, alguém cuja biografia foi marcada pelas preocupações no campo do desenvolvimento material<sup>38</sup>.

---

<sup>32</sup> Cf. Louis Weber. La civilisation. Civilisation et technique. In: Febvre et Alli. Op.cit. p. 133.

<sup>33</sup> Cf. Febvre. Op. cit. P. 21-22.

<sup>34</sup> Ibidem. Op. cit. P. 22.

<sup>35</sup> O que era entendido como bons modos ou maneiras e seu desenvolvimento na Europa do renascimento pode ser encontrada em Elias Op. cit. Vol 1. p. 65-214.

<sup>36</sup> Ver Braudel. Op.cit. p. 27.

<sup>37</sup> O texto chama-se “L’antiquité dévoilée par ses usages”. Cf. Febvre. Op. cit. p. 5

<sup>38</sup> Cf. Braudel. Op. Cit. p. 25.



No entanto, a idéia de civilização remetia para além da referência do desenvolvimento material. A palavra poderia também significar simplesmente desenvolvimento, progresso. Este entrelaçamento da idéia de civilização com a de progresso ganha as letras com Guizot, ainda na terceira década do século XIX. Em 1828, o intelectual francês oferece um curso na Sorbonne que recebeu o título *La civilisation en Europe* e, em 1829, um outro: *La civilisation en France*. Guizot acreditava que a civilização era um fato, algo que poderia ser descrito através da investigação do historiador e que poderia ser narrada em uma História geral<sup>39</sup>, pois acreditava que havia uma História geral da civilização a ser apreendida. Na visão do intelectual francês, existiam várias civilizações, mas acima delas colocava-se a civilização - palavra no singular - enquanto entidade una. Esta, desenvolveria um movimento meta-histórico, no qual cada uma das civilizações encontrar-se-ia em um estágio, cada uma delas apresentaria um nível de progresso da civilização, mais ou menos próximo do ideal de perfectibilidade que a palavra aplicada no singular designava para Guizot. Segundo o historiador francês: “a idéia do progresso, do desenvolvimento me parece ser a idéia fundamental contida sob a palavra civilização”.<sup>40</sup>

Portanto, a essência do termo "civilização" é "progresso", pois civilização traduz mesmo o movimento histórico de desenvolvimento progressivo dos povos, sobretudo dos povos europeus. Para Guizot, "civilização", entendida no singular, logo pensada como progresso da História, resulta fundamentalmente do aperfeiçoamento de dois aspectos de uma sociedade: do seu desenvolvimento social e do intelectual<sup>41</sup>. Para a perfeição de uma civilização, uma sociedade deveria aprimorar, ao longo do tempo, sua estrutura social e o nível intelectual de seus componentes.

Esta idéia ganharia força ao longo do século XIX, adentrando mesmo o Novecentos, sendo não somente traduzida pelo termo "civilização", como em Guizot, mas também pela palavra "progresso" ou, mais especificamente, “progresso social”, como aparece na tinta de Nicéforo: “O conceito de progresso social, enfim (e não

---

<sup>39</sup> Cf. Febvre. Op. cit. p. 33 e 35.

<sup>40</sup> Guizot. *Civilisation en Europe*. Paris, 1828. p. 15. Apud: Febvre. Op. cit. p. 35.

<sup>41</sup> Cf. Starobinsky. Op. cit. p. 11 e Febvre. Op. cit. p. 35-36.

*somente, então, de progresso material, ou somente de progresso moral ou intelectual etc.), indica um melhoramento de junção das condições de vida material, intelectual, moral, através do tempo”<sup>42</sup>.*

Além da idéia de desenvolvimento, melhoramento e, conseqüentemente, de transformação, presentes na palavra "progresso", esta também trás consigo a idéia de continuidade<sup>43</sup>. Uma civilização é um passado, melhor dizendo, a idéia de um passado que informa o presente. No dizer de Fernand Braudel: *“Cada civilização tria pouco a pouco, afasta ou favorece a massa de bens ou de atitudes que o seu passado e seus desenvolvimentos impelem para ele e lhe propõem ; e, por suas escolhas, recompõem uma fisionomia nunca inteiramente nova, nunca a mesma”<sup>44</sup>*. Ela é mais que uma economia ou sociedade, mas um núcleo comum de elementos, insertos em uma tradição, que vão sendo mantidos ou dispersados conforme as demandas de cada época. *“Uma civilização não é, pois, nem uma dada economia, nem uma dada sociedade, mas aquilo que, através das séries de economias, das séries de sociedades, persiste em viver, só se deixando infletir muito pouco e lentamente”<sup>45</sup>*.

Mais do que as permanências de uma dada economia e sociedade que se adequam às mudanças dos tempos sem perder elementos pretéritos, como pensa Braudel, a idéia de civilização que se desenvolveu no século XIX intercambiou-se com a idéia de cultura, de cultivação do espírito, de desenvolvimento estético, moral e intelectual.

Na Inglaterra, o primeiro texto a usar a palavra civilização foi de 1772, de autoria de Boswell. Nele, o termo aparece com o sentido de cultura. No entanto, segundo Norbert Elias, tanto ingleses como franceses tinham algo em comum quanto a idéia de civilização. Para ambos, esta sintetiza o orgulho pelo papel que jogam as suas nações para o que percebiam como o progresso da humanidade<sup>46</sup>. Ainda seguindo Elias, "civilização", nas Línguas Inglesa e Francesa, remete a realizações, tanto no campo

---

<sup>42</sup> Cf. Nicéforo. Op. cit. p. 45.

<sup>43</sup> Cf. Starobinsky. Op. cit. p. 12.

<sup>44</sup> Cf. Braudel. Op. cit. p. 51.

<sup>45</sup> Cf. Braudel. op. cit. p. 54.

<sup>46</sup> Cf. Elias. Op. cit. Vol . 1. p. 23-24.

material – econômico e tecnológico -, como no campo sócio-político – democracia e bem-estar social - e a comportamento, a observação de procedimentos pré-estabelecidos, entendidos como civilizados<sup>47</sup>. Enfim, o conceito em questão pode estar relacionado a “*fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais*”<sup>48</sup>.

Na língua e cultura alemãs, a palavra insere-se de maneira distinta, com um outro status, com menor projeção e importância no âmbito da cultura local. A palavra alemã "zivilisation" é tida como mera aparência externa, sem referência ao espírito. Segundo Elias, a palavra que melhor expressaria o orgulho de ser alemão seria "kultur", que designa o desenvolvimento do espírito, da cultivação das coisas próprias deste, da atividade estética e intelectual<sup>49</sup>.

O termo alemão "kultur" também aparece no século XVIII. A primeira vez que figura como verbete de um dicionário é em 1793, na 2a. edição do Dicionário Adelung, de 1774. No Adelung, a palavra aparece com dois significados, um primeiro de afrancesamento moderno do espírito, a aufklaerung. No segundo, figura como a finesa, as boas maneiras, o polimento<sup>50</sup>. Com efeito, no século XVIII, quando do seu surgimento, o termo "kultur" apresentava o mesmo sentido da palavra francesa "civilisation". No entanto, desde o início do século XIX, a palavra alemã vai adquirindo um outro significado, sensivelmente distinto daquele primeiro, no qual era associada à polidez. Entre 1807 e 1813 "kultur" aparece no lexicógrafo de Campe como um sinônimo do termo alemão *bildung*, que significa a edificação do espírito, a formação interior do indivíduo; o que já dá nota do novo campo semântico que a palavra vai abrangendo<sup>51</sup>.

O termo "kultur" também se encontrava associado ao Romantismo alemão. Intelectuais germânicos, como Goethe e Alexander Von Humboldt, pensavam a palavra

---

<sup>47</sup> Ibidem. p. 24.

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> Ibidem.

<sup>50</sup> Cf. Tonnelat, E. Kultur. Histoire du mot, évolution du sens. In: Febvre et alli. Op. cit. p. 62.

<sup>51</sup> Cf. Tonnelat. Op. cit. p. 62.

como acúmulo de tradições, costumes e conhecimentos próprios a um povo em particular<sup>52</sup>, ou seja, a cultura de uma comunidade afim, para além de uma sociedade determinada. Assim, distintamente do termo "zivilisation" - que é perpassado pelo universalismo iluminista e que apresenta uma idéia de movimento a qual tende a eliminar a diferença entre os povos - , a palavra "kultur" tende a afirmar estas diferenças, ressaltando o que é próprio em cada povo, o que germina em que cada comunidade, sem nenhuma referência à inexorabilidade de algum movimento .

No entanto, é importante notar que o termo "kultur", no primeiro terço do século XIX, ainda não havia se distinguido por todo da idéia de "civilisation", figurando ainda o sentido de polidez desta última no campo semântico da primeira. Isto fica claro, por exemplo, com o uso indiscriminado que Hegel fez de ambos em 1830 nos seus escritos, quando professor da Universidade de Berlim<sup>53</sup>. Quem parece melhor ter definido o lugar da palavra "kultur" na sociedade alemã e seu significado é Wilhem Van Humboldt - irmão de Alexander Von Humboldt – que, escrevendo em 1836, não somente define a palavra, como a diferencia dos termos "zivilization" e "bildung", que vinham aparecendo em seu campo semântico. Segundo Wilhem Van Humboldt, no seu livro *Ueber die kawi sprache*:

“Por zivilisation é necessário entender tudo isto que, na ordem material, no desenvolvimento dos costumes e na organização social, tende a abdicar o destino dos homens, à humanizar e a fazer nascer em seguida entre os indivíduos ou os povos de sentimentos de bem querer recíproco, visão de amizade; a palavra kultur acrescenta a esta primeira idéia uma nuance de refinamento: ela indica que os homens souberam se elevar acima das simples considerações de utilidade social e que eles têm empreendido o estudo desinteressado das ciências e das artes. Mas mais alto ainda que o conceito de kultur é preciso colocar este de bildung, que designa um estado de realização intelectual e moral ao qual conseguem chegar somente algumas individualidades particularmente dotadas<sup>54</sup>”.

Assim, já no segundo terço do Oitocentos, a palavra "kultur" vai definindo de maneira mais clara o seu significado, constituindo um campo próprio de

---

<sup>52</sup> Ibidem. p. 69.

<sup>53</sup> Cf. Braudel. op. cit. p. 27.

<sup>54</sup> Cf. Tonnelat. Op. cit. p. 68-69.

significações. Ao que parece, "kultur" adquire uma maior relevância diante de "zivilization", acrescentando-lhe outros sentidos como o intelectual, do emprego dos indivíduos às atividades estética e científica de forma desinteressada, e o moral, que faz com que o refinamento não se reduza à mera expressão externa, mas à manifestação do desenvolvimento do espírito. É ainda importante observar que W. Humboldt atribui à palavra "bildung" uma superioridade em relação à "kultur" no que tange às questões do espírito. No entanto, a primeira é uma referência de desenvolvimento do espírito que só pode ocorrer em nível pessoal, individual. Já o termo segundo tem uma designação para além da referência singular, pessoal; ele pode se referir a um povo, como no caso da designação "cultura germânica", sendo assim, como já foi salientado, a palavra privilegiada para expressar o orgulho nacional alemão. Mais ainda, "kultur" foi tornando-se, na Alemanha, a palavra preferencial para designar a junção dos elementos materiais, sócio-políticos, morais e intelectuais de um povo, assim como a palavra "civilisation" na França, que ao longo do século XIX passou a abranger - ao contrário do seu sentido de polidez do século XVIII - este mesmo campo de significações<sup>55</sup>.

De forma distinta da alemã "kultur", ligada em sua origem filológica com a idéia de cultura, cultivo do campo; a palavra "civilização" tem uma relação filológica com a idéia de cidade. A palavra deriva do latim "civilitas", que tem como uma de suas traduções "a arte de governar as cidades"<sup>56</sup>. No século XVIII, no qual sabemos que "civilisation" significou comportamento, polimento, polícia; Le Bret designa "policé" como "a ordem pública de cada cidade"<sup>57</sup>. Ainda no século XVII, em 1694, Frutière apresenta no seu dicionário o termo "civilidade" como "*maneira honrada, suave e gentil de atuar e conversar em grupo*" e completa dizendo que "*só os camponeses, a gente grosseira, carece de civilidade*"<sup>58</sup>, ou seja, "civilidade", "civilização" são palavras que se definem em contraposição ao campo, definindo-se como própria das cidades. Da mesma forma, para o marquês de Mirabeau, escritor do "Ami des hommes", a palavra também se

---

<sup>55</sup> Cf. Braudel. Op.cit. p.27.

<sup>56</sup> Cf. Nicéforo. Op. cit. p. 26.

<sup>57</sup> Cf. Febvre. Op. cit. p. 11.

<sup>58</sup> Cf. Starobinsky. Op. cit. p. 15.

relaciona à urbanidade, aos hábitos urbanos, a "policé" e às regras de convivência necessárias à vida no aglomerado humano característico das cidades<sup>59</sup>. Portanto, no século XVIII, civilizar-se significava urbanizar-se, adquirir urbanidade.

Mesmo no século XIX, a referência à cidade continuou acompanhando a palavra civilização. Quando na França o termo *civilisation* passou a ser utilizado no plural<sup>60</sup>, em 1819<sup>61</sup>, passou a indicar também a organização sócio-política de alguns outros povos, que passaram a ser aludidos com este termo. Segundo Fernand Braudel, o sinal exterior mais evidente que orientou a designação de determinadas sociedades como civilizações foi, justamente, a existência de cidades em seu seio<sup>62</sup>. Daí a referência à civilização egípcia, asteca, chinesa etc., entre outros povos dotados de estrutura urbana, nos quais a aplicação do termo foi, e ainda é, corrente pelos ocidentais. No entanto, segundo Lucien Febvre, a idéia de civilização pensada no plural só se operou de fato a partir da segunda metade do século XIX<sup>63</sup>, em um contexto de maior aproximação dos europeus para com povos de diversos lugares do mundo; movimento induzido pela franca expansão imperialista.

Não obstante a pluralização do termo civilização já datar do terceiro quartel do século XIX, a idéia de uma civilização unívoca, superior nos campos moral, material e intelectual, figurou pujante no contexto intelectual europeu, desde meados deste século até a I Guerra mundial. A idéia de civilização que prevaleceu ao longo do Oitocentos foi a de um movimento, um movimento meta-histórico que perpetra uma ação de disseminação de um desenvolvimento moral, intelectual e material. Tal fenômeno

---

<sup>59</sup> Cf. Benveniste. Op. cit. p. 212.

<sup>60</sup> Cf. Braudel. Op.cit. p.28.

<sup>61</sup> A introdução de civilização no plural marcou um novo sentido à palavra que, para além da idéia de polidez, de controle dos comportamentos, típica do século XVIII e de desenvolvimento e superioridade sócio-político, intelectual, moral e material, característicos do século XIX, passou a designar a organização em sociedade de alguns outros povos.

<sup>62</sup> Braudel chama a atenção para a distinção que alguns antropólogos fazem entre civilizações e culturas, que se distinguiriam, de maneira mais visível, pelo fato das primeiras apresentarem uma estrutura urbana. Cf. Braudel. Op. cit. p. 38.

<sup>63</sup> Cf. Febvre. Op. cit. p. 44-45. Lucien Febvre classifica esses dois usos do termo civilização como científico e pragmático. A primeira, refere-se a todo grupo de seres humanos e seus meios de ações materiais e intelectuais. O segundo significa toda a idéia de superioridade intelectual, moral e material dos povos brancos da Europa e da América Anglo-Saxônica.

verificou-se pela subordinação da idéia de civilização à idéia de progresso após o ciclo de crescimento material ocorrido depois da onda revolucionária de 1848, que modificou as relações de produção no Velho continente, liberando assim as forças produtivas da Europa em direção à Segunda revolução industrial. A idéia de sustentação de uma civilização que até então subordinava-se à idéia de progresso, passa então a encontrar-se submetida à esta. A idéia de civilização passa doravante a perceber-se orientada pela idéia de progresso, somente ganhando razão de ser se inserida no movimento inexorável do progresso, esta, agora, idéia matricial do pensamento europeu.

A idéia moderna de progresso é desenvolvida em fins do século XVII. Ela nasce embalada pela disputa entre antigos e modernos, através de Fontenelle, um cartesiano estudioso das ciências naturais, que se posicionava favoravelmente à nova via de conhecimento que o seu século produzia<sup>64</sup>. No embate entre os defensores da superioridade das obras clássicas e os defensores da supremacia dos autores seiscentistas, Fontenelle desenvolveu o argumento de que os homens do século XVII não eram piores do que Virgílio, Sêneca, Platão ou Homero, pois a natureza, as árvores e os animais, por exemplo, não se degradaram da época clássica até os seus dias. Tal premissa levava-o a concluir que os homens também não poderiam ter perdido em qualidade para aqueles da época dos gregos e romanos, uma vez que também eram seres da natureza, como as árvores e os animais. Assim, parte integrante de um todo não degradável, e possuidor de faculdades racionais, o que lhes permitia acumular conhecimentos de seus precedentes, o homem tendia a aperfeiçoar de maneira constante e infinita os seus conhecimentos, encontrando-se, desta feita, fadados ao progresso<sup>65</sup>.

Em Fontenelle, a idéia moderna de progresso configurava-se, pois seus dois elementos fundamentais já apareciam em suas concepções, a perspectiva de um futuro que tendia a melhorar e a certeza desta como algo necessário e certo. Tal convicção o intelectual deixou clara, quando afirmou que se Descartes não existisse, outro teria perpetrado seus avanços no mesmo século XVII, pois haveria uma ordem que regularia

---

<sup>64</sup> Quanto ao nascimento da visão moderna de progresso com Fontenelle, no século XVII, estão de acordo os dois maiores estudiosos da idéia de progresso na Europa, John Bury e Robert Nisbet. No entanto, Nisbet argumenta que a idéia de progresso já existia desde a antiguidade. Ver: John Bury. *La Idea del Progreso*. Madrid: Alianza Editorial, 1971 e Robert Nisbet. *Historia de La Idea de Progreso*. Barcelona. Gedisa, 1981.

<sup>65</sup> Ver: Nisbet. *Op. cit.* p. 216-223 e Bury. *Op. cit.* p. 95-119.

o progresso do conhecimento humano, algo independente da genialidade de um indivíduo em particular<sup>66</sup>.

A idéia moderna de progresso surgiu, portanto, pouco antes da idéia de civilização, numa época em que o pensamento cartesiano era o instrumento privilegiado no combate às idéias medievais<sup>67</sup>. A idéia de civilização, datada de meados do século XVIII, pertencia à época do Iluminismo. Com este, a razão foi em tal nível exaltada que extrapolou o âmbito político, sendo projetada na própria História, que passava a ser percebida, sob o ponto de vista ontológico, como algo dotado de uma racionalidade, detentora de movimento e de sentido todo próprios.

O século XIX marcou também o início do historicismo no horizonte da reflexão histórica que, por sua vez, ia iniciando a sua configuração como campo do conhecimento. No entanto, orientando o historicismo e várias outras idéias que surgiram em fins do século XVIII e ao longo do século XIX, estava a idéia de progresso, principal idéia de força da modernidade que, podemos dizer, sob o ponto de vista epistemológico, tornou-se a estrutura de pensamento dominante no Oitocentos. A idéia de progresso, já presente desde fins do Seiscentos, vinha a ocupar o espaço vazio que o impacto das idéias iluministas criaram na visão religiosa do mundo. A idéia judaico-cristã de providência divina, até então preponderante quanto à percepção da História, seus rumos e sentido, afigurava-se ora descreditada. Assim, ganhou força a idéia de progresso, que pensava um homem menos relativo à vontade de Deus, embora ainda pouco autônomo quanto ao peso da História, doravante legitimada em seu movimento pela razão.

Dada a influência da idéia de progresso na Europa, não foi raro que a mesma interferisse no desenvolvimento de outras. Em um mundo cada vez mais dinâmico, como o que emergia das revoluções industrial e francesa, parte significativa das idéias eram pensadas em movimento, sendo algumas mesmas orientadas em uma perspectiva teleológica ou, ainda, teleonômicas. Assim, a idéia de civilização também foi influenciada por este contexto intelectual, articulando-se fortemente aquela de

---

<sup>66</sup> Bury. Op. cit. p. 105.

<sup>67</sup> Ibidem. p. 110-111. Bury delimita esta época no intervalo entre 1680 e 1740.



progresso. Na sociedade inglesa, que já passava pela Revolução Industrial no século XVIII, tais palavras já eram associadas, John Millar, um intelectual inglês, articula-as várias vezes em seus textos, nos quais aparecem sintagmas como: “*o progresso e o refinamento de uma pessoa na civilização*” e “*o progresso da civilização*”<sup>68</sup>. Esta articulação de idéias também se delineou na França com o escrito de Guizot sobre a civilização na Europa, em 1828. Nele, o intelectual francês deixa clara a vinculação: “*A idéia do progresso, do desenvolvimento me parece ser a idéia fundamental contida sob a palavra civilização*”<sup>69</sup>.

Observa-se que, na associação de idéias produzidas por Guizot, é o progresso que se encontra contido na civilização, ou seja, a idéia de civilização aparece como principal, pois contém mesmo, em si, o progresso. Com efeito, este, como concebido por Guizot, aparece subsumido à idéia de civilização,<sup>70</sup> sua questão fundamental.

No entanto, a idéia de progresso foi fortalecendo-se ao longo do século. Ela foi embalada pelo grande desenvolvimento tecnológico verificado com a Segunda Revolução Industrial. Uma época em que o fetiche da técnica parecia dominar boa parte da elite européia da segunda metade do século XIX, do que dão nota as seguidas exposições internacionais<sup>71</sup> e o crescimento do número de invenções técnicas no mundo<sup>72</sup>. A admiração pelo desenvolvimento técnico, pelo progresso da industrialização, se amalgamava-se também com o sentimento de orgulho nacional, o que projetava a idéia de progresso, ampliando o seu alcance para outras camadas da população que não as elites econômicas<sup>73</sup>, suas primeiras entusiastas.

---

<sup>68</sup> John Millar. Apud Benveniste. Op. cit. p. 213.

<sup>69</sup> Guizot. *civilisation en Europe*. Paris, 1828. p. 15. Apud: Febvre. Op. cit. p. 35.

<sup>70</sup> Fica clara a importância maior que Guizot atribui à civilização, sobretudo quando analisamos o título de seus cursos na Sorbonne e seus textos, nos quais a idéia de civilização é o foco principal.

<sup>71</sup> Uma análise destas exposições pode ser encontrada em: Margarida de Souza Neves. *As Vitrines do Progresso*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/FINEP, 1986 (Mimeo.)

<sup>72</sup> A respeito de tais invenções técnicas, características da 2ª. revolução industrial, ver: Geoffrey Barraclough. *Introdução à História Contemporânea*. São Paulo: Círculo do Livro, 1964. p. 39-58

<sup>73</sup> Ver: Eric Hobsbawm. *A Era do Capital*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 303-304.

Com efeito, na segunda metade do século XIX, a idéia de progresso vai ganhando novos contornos<sup>74</sup>. Ela vai, cada vez mais, caracterizar-se como desenvolvimento do progresso técnico, da tecnologia, da industrialização e de todo desenvolvimento material daí decorrente. Da mesma forma, a idéia de progresso vai sobrepujando a de civilização, atingindo maior força e prestígio. As duas continuaram relacionadas, muito embora, na sociedade européia da segunda metade do Oitocentos, a idéia de progresso tenha suplantado a de civilização em importância. O desenvolvimento das estradas de ferro, da navegação, da construção civil, das indústrias e de todos os avanços tecnológicos que surgiam com notável rapidez na segunda metade do século XIX fizeram com que um dos apologetas da idéia de uma civilização francesa, Charles Seignobos, expressasse bem a nova relação entre progresso e civilização: “*a civilização consiste em estradas, portos e cais*”<sup>75</sup>.

Portanto, na segunda metade do Oitocentos, a idéia de progresso já era a idéia dominante<sup>76</sup>. Segundo Bury, as revoluções de 1848 foram propulsoras desta idéia<sup>77</sup> que, desde então, foram mais vulgarizadas, passando a atingir as camadas médias e populares. Estas, como já foi mencionado, também foram influenciadas pelos avanços técnicos, sobretudo nos anos 70, com as inovações encetadas pela Segunda Revolução Industrial. No entanto, desde o período de 1830, com a dissolução das relações de produção feudais ainda remanescentes e a liberação das forças produtivas decorrentes dos processos revolucionários de 1830 e 1848, o desenvolvimento material da Europa crescia em ritmo firme e tornava-se sensível aos seus contemporâneos<sup>78</sup>. Entre 1825 e 1850 grandes inovações materiais apareciam na Europa, como o telégrafo e as estradas de ferro. Resultante deste contexto, em 1851, surge a primeira grande exposição internacional, realizada em Londres, uma espécie de reconhecimento público do

---

<sup>74</sup> Segundo Bury, na Segunda metade do século XIX a idéia de progresso na Europa vai ficando cada vez mais vinculada a idéia de desenvolvimento material. Ver: Bury. Op. cit. 295.

<sup>75</sup> Seignobos. Apud Braudel. Op.cit. p.27.

<sup>76</sup> Cf. Bury. Op. cit. p. 281.

<sup>77</sup> Ibidem. p. 285.

<sup>78</sup> Ver: David S. Landes. Prometeu Desacorrentado. Transformação Tecnológica e Desenvolvimento Industrial na Europa Ocidental, desde 1750 até a Nossa Época. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 201-238.

desenvolvimento material da época. Nela, a percepção do desenvolvimento material traduzia-se em entusiasmo, como atesta o discurso de abertura da exposição pelo príncipe consorte:

“Por outro lado, o grande princípio da divisão do trabalho, que pode ser entendido como o motor da civilização, se está estendendo a todos os ramos da ciência, indústria e arte(...) Senhores, a exposição de 1851 há de ser uma prova e uma plasmação vivente do ponto de desenvolvimento a que chegou a totalidade da humanidade em sua grande tarefa, assim como um novo ponto de partida desde o que todas as nações poderiam dirigir os seus esforços futuros<sup>79</sup>”.

A exposição de 1851 era percebida como ponto de culminância do progresso material da humanidade e, ao mesmo tempo, um ponto de partida para um desenvolvimento maior ainda, uma vez que a idéia de progresso, enquanto desenvolvimento material, era percebida como um movimento irresistível, que tenderia sempre a conduzir a humanidade a avanços intermináveis. No discurso do príncipe, fica claro o papel de ascendência do desenvolvimento material, pois a divisão do trabalho, base do desenvolvimento econômico capitalista, é entendida como “*o motor da civilização*”, que se estende à ciência e à indústria.

É interessante também notar que o príncipe consorte se utiliza no texto do termo “desenvolvimento”, quando afirma que “*a exposição de 1851 há de ser uma prova e uma plasmação vivente do ponto de desenvolvimento a que chegou a totalidade da humanidade*”. Tal aplicação do termo, que aí conota claramente o sentido de progresso, era corrente na Europa do século XIX, na qual as "palavras" "progresso", "desenvolvimento" e "evolução" eram utilizadas indistintamente, remetendo a um mesmo significado<sup>80</sup>.

---

<sup>79</sup> Discurso de abertura da exposição internacional de Londres, proferido pelo príncipe consorte, em 1851. Citado em Bury. Op. cit. p. 295.

<sup>80</sup> Cf. Nisbet. Op. cit. p. 247. Quanto ao termo evolução em particular, John Bury julga-o um termo distinto, que remete à uma idéia de neutralidade científica e que poderia ser compatível tanto com posturas otimistas como com aquelas pessimistas. Vide Bury. Op. cit. p. 300-301. Já segundo Nisbet, Darwin seria um bom exemplo da indistinção dos três termos, uma vez que este aplicou com o mesmo sentido as palavras progresso, desenvolvimento e evolução.

Portanto, "progresso", "evolução" e "desenvolvimento" indicaram o mesmo sentido de um movimento inexorável com destino a um futuro sempre melhor que, nos séculos XVIII e primeira metade do XIX tinham uma conotação ampla, envolvendo melhorias que seriam, sobretudo, de caráter intelectual, moral e político-social. Já na segunda metade do Oitocentos, a idéia de progresso passa a ter a sua tônica postada na idéia de desenvolvimento material, mesmo que não tenha perdido a sua abrangência no campo político-social, moral, intelectual etc.

Assim, a idéia de civilização percorre um itinerário na modernidade que inicia-se com um movimento, uma ação de disseminação da polidez, passando pelo desenvolvimento moral, intelectual e sócio-político europeu, até a completa subordinação deste conjunto de valores ao desenvolvimento material, tônica da modernidade européia da segunda metade do século XIX. Em fins deste século a idéia de civilização perdia importância, articulando-se em uma situação de subordinação com a idéia de progresso. Essa articulação manter-se-ia vigente no início do século XX, até a experiência trágica da I Guerra mundial, após a qual a ascendência da idéia de progresso receberia o seu primeiro grande abalo.